

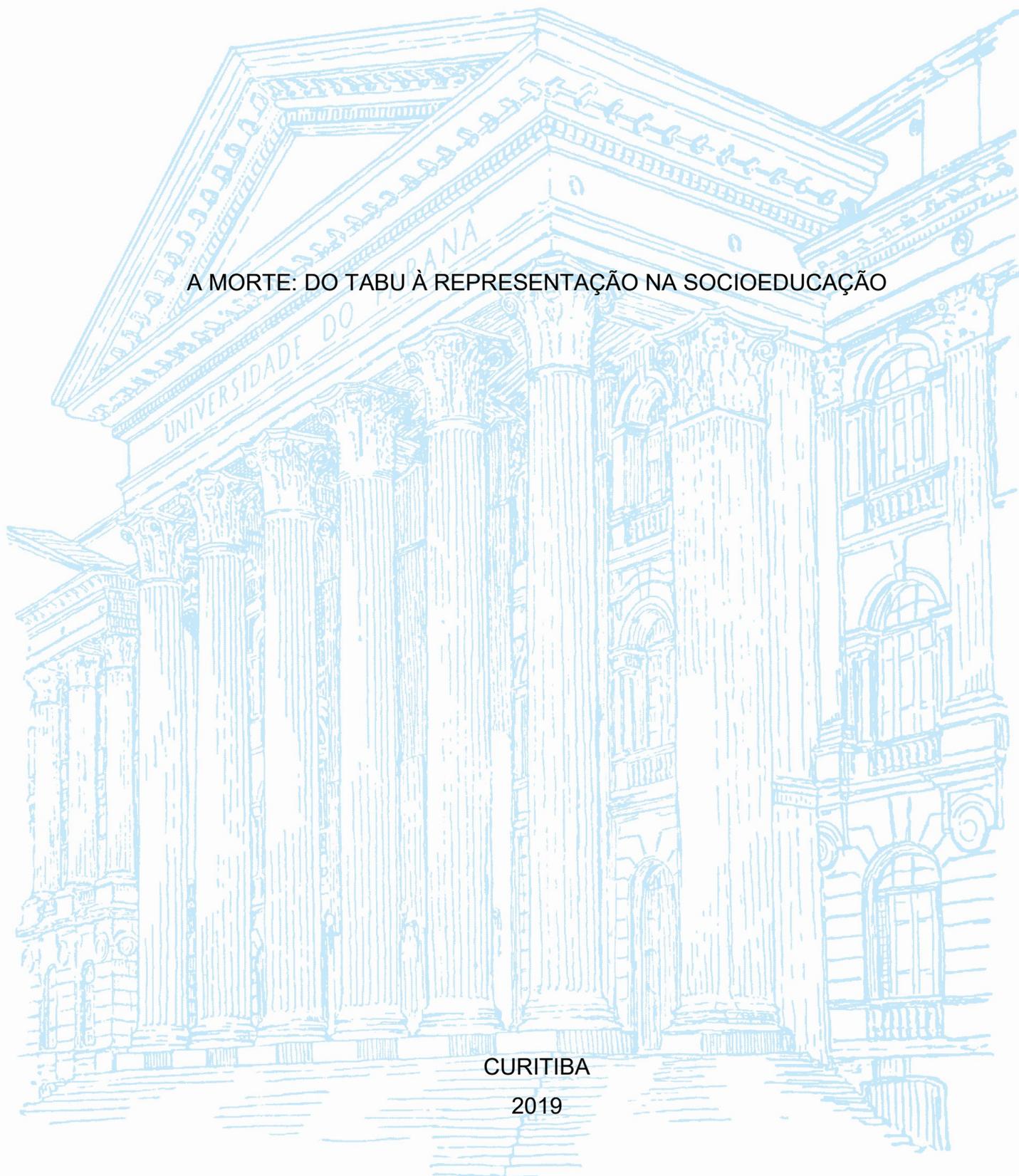
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

RODRIGO SANCHES-ROSA

A MORTE: DO TABU À REPRESENTAÇÃO NA SOCIOEDUCAÇÃO

CURITIBA

2019



RODRIGO SANCHES-ROSA

A MORTE: DO TABU À REPRESENTAÇÃO NA SOCIOEDUCAÇÃO

TCC apresentado ao curso de Pedagogia, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Dr^a. Araci Asinelli-Luz

Coorientadora: Prof^a Mr^a. Alessandra de Paula Pereira

CURITIBA

2019

TERMO DE APROVAÇÃO

RODRIGO SANCHES-ROSA

A MORTE: DO TABU À REPRESENTAÇÃO NA SOCIOEDUCAÇÃO

TCC apresentado ao curso de Pedagogia, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Prof(a). Dr(a). Araci Asinelli-Luz
Orientadora – Departamento PPGE, UFPR

Prof(a). Dr(a). Julia Siqueira da Rocha
Laboratório Pierre Bourdieu, UFSC

Prof(a). Msc. Alessandra de Paula Pereira
Coorientadora - Departamento PPGE, UFPR

Prof(a). Msc. Jéssica Paula da Silva Mendes
Departamento de Psicologia e Direito, FAE

Curitiba, 11 de novembro de 2019.

A todos aqueles que tem fome e sede de conhecimento.

AGRADECIMENTOS

Não posso deixar de iniciar os meus agradecimentos as duas primeiras pessoas que admirei no mundo acadêmico, além de serem as que mais me estimulam a nunca desistir de um novo desafio, Ana Ribas e Daniela Farias. Serão sempre as minhas Professoras AMIGAS. Ana, torrei mais a sua paciência.

Uma das minhas maiores preocupações enquanto aluno foi quem seria a minha orientadora. Gentilmente um ser iluminado, sem me conhecer, aceitou esse desafio. Ironicamente não é por acaso que até o seu nome tem “luz”, Professora Araci Asinelli-Luz, obrigado!

O combo da orientação foi completo, quando vieram a Michele e a minha coorientadora, Alessandra, que nesse ano tornou-se minha parceira nas pesquisas. Fico muito grato por me estender a mão mesmo estando passando por desafios individuais.

Como todo bom aluno, fazemos amizades nos corredores e sala de aula. Quero agradecer toda palavra de carinho e incentivo que me deram ao longo desse ano e para concluir essa jornada que elas também irão passar, Ana Urbano, Gabi Gama e Manu Glatz, contem comigo. Eliane Piccolotto, superamos juntos esse momento, você é guerreira.

Aos amigos, obrigado. Karla Kososki, você sai na frente, você faz parte desse trabalho.

Professor de Artes, obrigado pela contribuição, sua boa vontade em ajudar fez a diferença neste trabalho.

Muitas outras pessoas de forma direta ou indireta contribuíram para a realização deste trabalho, a vocês, obrigado.

Para muitos, esses últimos agradecimentos deveriam vir em primeiro lugar, porém elas recebem o meu obrigado todos os dias somente por existirem em minha vida: mãe e mana, amos vocês! Deus, te dedico mais essa graça.

RESUMO

Morte, atualmente, é considerada um tabu, algo que não era em séculos passados; inversões de valores são as causas apontadas. Adolescentes que cumprem medida socioeducativa são estigmatizados e muitas vezes mortos socialmente. Entender a relação: morte x adolescentes que cumprem medida socioeducativa, surge como necessidade para entender seus atos enquanto sujeitos em transformação biológica, social, cognitiva e educacional, sendo esse o problema desse Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia. Este trabalho qualitativo e teórico visa entender essa relação através de uma revisão sistemática e de literatura/documental, com as bases teóricas nos trabalhos científicos de tais revisões. A morte para quem está em conflito com a lei deixa de ser natural e passa a ser de ordem externa. Proteger nossos jovens contra a violência e investir na primeira infância são questões emergenciais. Estudos sobre a morte, adolescência e a socioeducação são necessários para mais reflexões, e assim, desmistificar conceitos que deveriam ter maior leveza.

Palavras-chave: Adolescentes. Conflito com a lei. Educação social. Pedagogia. Vulnerabilidade.

ABSTRACT

Death, nowadays, is considered a taboo, something that was not in past centuries; value inversions are the pointed causes. Adolescents who comply with socio-educational measures are stigmatized and often killed socially. Understanding the relationship: death x adolescents who comply with socio-educational measures, arises as a need to understand their acts as subjects in biological, social, cognitive and educational transformation, which is the problem of this Pedagogy Course Completion Paper. This qualitative and theoretical work aims to understand this relationship through a systematic and literature / documentary review, with the theoretical basis in the scientific works of such reviews. Death for those in conflict with the law ceases to be natural and becomes external. Protecting our youth from violence and investing in early childhood are emergency issues. Studies on death, adolescence, and socio-education are needed for further reflection, and thus demystifying concepts that should be lightened.

Keywords: Adolescents. Conflict with the law. Social education. Pedagogy. Vulnerability.

LISTA DE QUADROS E ILUSTRAÇÕES

QUADRO 1 – OBJETIVOS E METODOLOGIA.....	19
QUADRO 2 – RELAÇÃO ENTRE PALAVRAS-CHAVES E SEUS CORRESPONDENTES DESCRITORES.....	21
QUADRO 3 – STRINGS.....	21
QUADRO 4 – SCIELO: ARTIGO.....	24
QUADRO 5 – BDTD: TESE.....	25
QUADRO 6 – BDTD: DISSERTAÇÃO	27
QUADRO 7 – AS MOTIVAÇÕES DA MORTE POR ADOLESCENTES ENTREVISTADOS.....	35
QUADRO 8 – UF COM AS MENORES TAXAS DE HOMICÍDIOS DE JOVENS, POR GRUPO DE 100 MIL	38
QUADRO 9 – UF COM AS MAIORES TAXAS DE HOMICÍDIOS DE JOVENS, POR GRUPO DE 100 MIL	38
QUADRO 10 – IDADE DOS ADOLESCENTES QUE CUMPREM MEDIDA SOCIOEDUCATIVA NO ESTADO DO PARANÁ.....	40
QUADRO 11 – TEMPO DE APREENSÕES DOS ADOLESCENTES QUE CUMPREM MEDIDA SOCIOEDUCATIVA NO ESTADO DO PARANÁ	41
QUADRO 12 – NATUREZA DOS PROCESSOS DOS ADOLESCNTES QUE CUMPREM MEDIDA SOCIOEDUCATIVA NO ESTADO DO PARANÁ	41
QUADRO 13 – TIPO DE SUBSTÂNCIA PSICOATIVA UTILIZADAS/EXPERIMENTADA E INFORMADA PELOS ADOLESCENTES	42
QUADRO 14 – UF COM AS MAIORES REDUÇÕES NA TAXA DE HOMICÍDIO NO BRASIL ENTRE 2016 E 2017.....	47
QUADRO 15 – UF COM AS MAIORES AUMENTOS NA TAXA DE HOMICÍDIOS NO BRASIL ENTRE 2016 E 2017.....	49
FIGURA 1 – RESULTADOS DAS BUSCAS DA REVISÃO SISTEMÁTICA.....	23
FIGURA 2 – DESENHO LIVRE.....	44

GRÁFICO 1 – NÚMERO DE HOMICÍDIOS DE JOVENS NO ESTADO DO PARANÁ ENTRE OS ANOS DE 2007 A 2017.....	39
GRÁFICO 2 – NÚMERO DE HOMICÍDIOS NO ESTADO DO PARANÁ ENTRE OS ANOS DE 2007 A 2017.....	48

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

AV	- Atlas da Violência
BDTD	- Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BI	- <i>Business Intelligence</i>
CENSE	- Centro Socioeducativo
CV	- Comando Vermelho
ECA	- Estatuto da Criança e do Adolescente
IBGE	- Instituto Brasileiro Geográfico e Estatístico
INEP	- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LEM	- Laboratório de Estudos Sobre a Morte
PCC	- Primeiro Comando da Capital
PROVAR	- Processo de Ocupação de Vagas Remanescentes
RS	- Representação Social
SCIELO	- <i>Scientific Eletronic Library Online</i>
SINASE	- Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo
SUSP	- Sistema Único de segurança Pública
TCC	- Trabalho de Conclusão de Curso
UEM	- Universidade Estadual de Maringá
UF	- Unidade Federativa
UFPR	- Universidade Federal do Paraná
UNIPAR	- Universidade Paranaense
USP	- Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
1.1	JUSTIFICATIVA.....	18
1.2	PROBLEMA.....	18
1.3	OBJETIVOS	18
1.3.1	Objetivo geral	18
1.3.2	Objetivos específicos.....	18
1.4	MÉTODO	19
2	REVISÃO DE SISTEMÁTICA	20
3	REVISÃO DE LITERATURA/DOCUMENTAL	29
3.1	MORTE.....	29
3.2	REPRESENTAÇÃO SOCIAL	30
3.3	ADOLESCENTES.....	31
3.3.1	Condutas de risco dos adolescentes	34
3.3.2	Adolescentes X Morte = Representação	35
3.4	SOCIOEDUCAÇÃO.....	43
4	ATLAS DA VIOLÊNCIA	46
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
5.1	RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS.....	51
	REFERÊNCIAS.....	52

1 INTRODUÇÃO

PRAZER!

Meu nome é Rodrigo, sou formado em História pela Universidade Paranaense (UNIPAR, 2013), especialista em História e Humanidades pela Universidade Estadual de Maringá (UEM, 2016) e atualmente estou na fase final da segunda graduação, em Pedagogia, na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Profissionalmente sou Agente de Segurança Socioeducativo em um Centro Socioeducativo (CENSE), também no estado do Paraná. Sou natural de Umuarama-Pr, vivi quase a totalidade da minha vida em busca de segurança financeira e de me encontrar profissionalmente. Foi por meio da socioeducação que esses dois desejos foram possibilitados.

Continuar a me especializar era outro desejo, e esse foi um dos motivos que me trouxe a Curitiba. De início queria avançar os meus estudos com o mestrado, porém não me sentia `maduro suficiente`. O desejo de não parar era mais forte, e oportunamente, a Pedagogia surgiu em minha vida por meio do Processo de Ocupação de Vagas Remanescentes - Provar (programa para ocupar as vagas remanescentes da graduação na UFPR) que me permitiu continuar a minha `estrada` nos estudos e ampliar os meus conhecimentos na educação, abrindo um `leque` de possibilidades

No ano de 2015, quando visitei o cemitério central da cidade de Ponta Grossa no estado do Paraná, fiquei intrigado com dois túmulos: do Barão de Guaraúna, cheio de ornamentos e uma presença impactante, e outro de Corina Portugal, muito simples e com muitas placas de agradecimento, possivelmente pela fama de milagrosa. Esses dois túmulos eram díspares esteticamente falando, no entanto, o fato desses dois personagens estarem no mesmo local me instigou a estudar a temática da morte. O interesse foi reforçando quando visitei o cemitério central da capital paraguaia.

Foi por meio do trabalho de conclusão de curso – TCC da especialização em História e Humanidades que, efetivamente, iniciei as investigações e, com o TCC dessa segunda graduação pretendo avançar as investigações e aprofundar a reflexão sobre esse tema tão contraditório socialmente, no campo da educação.

A socioeducação virou campo de pesquisa quando me deparei com os adolescentes que cumpriam medida socioeducativa em privação de liberdade. Ao

conviver com eles, observei que nesse nicho social não havia restrições ao assunto morte ou morrer.

Quando se fala sobre a morte com algumas pessoas adultas, mesmo no campo educacional, nota-se que o tema causa impacto, desconforto. Alguns o evitam, outros até dizem que é “mal agouro”. Porém, em diálogo com alguns adolescentes que estão em cumprimento de medida socioeducativa, eles demonstraram que o assunto não é proibido e a morte revelou não ser intimidadora. Enquanto alguns fogem da morte, os adolescentes, aparentemente, parecem a cultivar devido as suas condições de vulnerabilidade e vivências, não sendo seus desejos e nem o ideal. Em seus discursos sobre o que pensam sobre seus futuros é muito comum ouvir que será o caixão ou a prisão. Discurso presente na dissertação de Pereira (2018), que estudou sobre os projetos de vida dos adolescentes em unidades de socioeducação privados de liberdade.

Para adolescentes que estão inseridos em medida socioeducativa, suas realidades muitas vezes não compactuam com a realidade de outros adolescentes dentro e fora da socioeducação. Muitos dos conceitos aprendidos em seus desenvolvimentos distorcem a etimologia das palavras. Por exemplo, quando aplicam a palavra “corre” em seus discursos. Para eles, significa alguém que faz um favor que lhes agrada ou realiza uma função, enquanto a definição encontrada em dicionários é de um verbo de ação onde uma pessoa anda ou caminha em velocidade (MICHAELIS, 2008). Ou seja, os conceitos são ressignificados a cada contexto, a cada momento de vida, a cada experiência. Diante desse exemplo, observamos o quanto a educação, formal e não formal, universaliza o conhecimento e que os contextos dos adolescentes precisam ser estudados, uma vez que em seu universo existe uma linguagem própria. De acordo com Freire (2017), é através da educação que devemos recriar o mundo ou o mundo de alguém.

Conforme Paulo Freire (2017, p. 96) “a educação é uma forma de intervenção no mundo”. A interpretação que faço é que por meio da educação que adquirimos meios e ou instrumentos capazes de transformar realidades onde o autor ainda complementa com o poder de recriá-lo.

1.1 JUSTIFICATIVA

Este TCC possibilita a aprendizagem de novas habilidades acadêmicas, que é o fazer ciência, respeitando acima de tudo sua ética e técnicas; permite exercitar o senso crítico e investigativo; oportuniza a interação com vários meios de produção acadêmica; sensibiliza para questões sociais; reflete sobre questões naturais da vida, mas que ainda é tabu: a morte; e o mais importante, de alguma forma contribui para o desenvolvimento da socioeducação. Percebemos que morte e socioeducação são assuntos delicados em nossa realidade ocidental de país em desenvolvimento e repleto de desigualdades sociais. Poder questionar um assunto que ainda não se encontra em currículos acadêmicos e onde há pouca abordagem em várias esferas sociais, demonstra o quanto esse TCC traz um quê de originalidade e é relevante para refletirmos sua necessidade acadêmica e socioeducacional.

1.2 PROBLEMA

Como o tema morte se faz presente na literatura acadêmica em sua relação aos adolescentes em conflito com a lei?

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo geral

Analisar de que forma a literatura acadêmica apresenta a relação entre morte e socioeducação.

1.3.2 Objetivos específicos

Verificar a concepção de morte no campo das ciências humanas presente na literatura sobre o tema; identificar na literatura referente a socioeducação a existência de representação social de morte para adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa; sistematizar a relação morte X adolescente presente no atlas da violência elaborado no Brasil, 2019 e sugerir abordagem educativa no âmbito da socioeducação que promova projetos de vida em contraposição à ideia de “morte ou caixão”, recorrente em adolescentes em conflito com a lei.

1.4 MÉTODO

Este trabalho é de natureza qualitativa e teórica, do tipo documental e exploratória. Conforme Gil (2002) esses tipos de pesquisas exploram diversas fontes, são flexíveis, propiciam maior familiaridade com o problema visando torná-lo mais explícito.

Como metodologia, uma revisão sistemática que de acordo com Costa e Zaltowski (2014, p. 56), “é um método que permite maximizar o potencial de uma busca, encontrando o maior número possível de resultados de uma maneira organizada”, bem como a revisão bibliográfica, de forma a contribuir para responder os objetivos desse trabalho.

No QUADRO 1 explicitamos a relação entre os objetivos e a metodologia/documentos que darão origem aos dados a serem analisados (*corpus* da pesquisa).

QUADRO 1 – OBJETIVOS E METODOLOGIA

Objetivos	Metodologia / Documentos
Verificar a concepção de morte no campo das ciências humanas.	Revisão sistemática e literária/documental
Identificar na literatura referente a socioeducação a existência de uma representação social da morte para adolescentes em medida socioeducativa.	Revisão sistemática e revisão de literatura/documental
Sistematizar a relação morte X adolescente presente no atlas da violência elaborado no Brasil, 2019.	Atlas da violência, 2019
Sugerir abordagem educativa no âmbito da socioeducação que promova projetos de vida em contraposição à ideia de “morte ou caixão”, recorrente em adolescentes em conflito com a lei.	Revisão sistemática e de literatura/documental

FONTE: Sanches-Rosa e Asinelli-Luz (2019).¹

¹ Sanches-Rosa e Asinelli-Luz são os autores desse TCC. Portanto, os quadros e demais ilustrações terão como fonte ambos os autores. Por ser esse o primeiro registro do trabalho, os autores não aparecem nas referências bibliográficas.

2 REVISÃO SISTEMÁTICA

A revisão sistemática seguiu as 8 etapas sugeridas por Costa e Zaltowski (2014), são elas: delimitação da questão a ser pesquisada; escolha das fontes de dados; eleição das palavras-chave para a busca; busca e armazenamento dos resultados; seleção de artigos pelo resumo, de acordo com critérios de inclusão e exclusão; extração de dados dos artigos selecionados; avaliação dos artigos e síntese e interpretação dos dados.

Os bancos de dados *Scientific Eletronic Library Online* - SCIELO e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações - BDTD foram escolhidas para a realização da revisão sistemática. A escolha das bases se justifica por serem as mais difundidas nacionalmente e, por entendermos que essas duas bases abrangeriam um número suficiente de pesquisas publicadas relacionadas à Educação, como referencial para verificarmos a presença e interesse da temática como objeto de estudos e pesquisas.

Costa e Zaltowski (2014, p. 61) informam que as “palavras-chaves precisam ser sensíveis o suficiente para acessar adequadamente o fenômeno, [...]”. Diante disso, as escolhas foram as seguintes: morte; adolescente; representação social; socioeducação e privação de liberdade. O uso adequado de uma palavra-chave ou descritor “favorece o diálogo entre a comunidade científica, à medida que inibe a proliferação de diferentes conceitos para retratar um mesmo fenômeno.” (COSTA e ZALTOWSKI, 2014, p. 61).

Devido ao alerta dos autores, Costa e Zaltowski (2014), as palavras-chave, a fim de se conversarem universalmente, foram submetidas ao *Thesaurus* Brasileiro da Educação que, de acordo com o portal do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP, “é um instrumento que reúne termos escolhidos a partir de uma estrutura conceitual previamente estabelecida e destinados à indexação e à recuperação de documentos e informações num determinado campo do saber.” (PORTAL INEP, 2019). É através do *Thesaurus* que são revelados os possíveis termos chamados “de também paraescritores”. Após a submissão das palavras-chave ao banco de dados de busca dos descritores, foram incluídas buscas também para educação para morte, sentido de morte, adolescente em conflito com a lei, comportamento do adolescente, Estatuto da Criança e do

Adolescente, percepção do adolescente, imaginário social e percepção social, conforme relação estabelecida no QUADRO 2.

QUADRO 2: RELAÇÃO ENTRE PALAVRAS-CHAVE E SEUS CORRESPONDENTES DESCRITORES

PALAVRAS-CHAVE	DESCRITORES
Morte	Educação para a morte e sentido de morte
Adolescente	Adolescente em conflito com a lei, comportamento do adolescente, estatuto da criança e do adolescente e percepção do adolescente
Representação social	Imaginário social e percepção social

FONTE: Sanches-Rosa e Asinelli-Luz (2019) a partir de INEP/THESAURUS

Morte é o assunto principal deste TCC e, conjuntamente a sua relação com a socioeducação. Assim entender como o tema morte se faz presente na literatura acadêmica em sua relação aos adolescentes em conflito com a lei. Para realizar as pesquisas nas bases de dados, faz-se necessário compor uma *string*, ou seja, unificar as palavras-chaves e/ou suas descritoras no ato da pesquisa. Para a composição da *string* foi utilizado o booleano *AND*, em tradução livre “e”. Abaixo encontram-se todas as *strings* utilizadas nesta revisão sistemática.

QUADRO 3 – STRINGS

morte AND adolescente AND socioeducação AND representação social AND privação de liberdade
morte AND adolescente
morte AND socioeducação
Morte AND representação social
Morte AND privação de liberdade
Morte AND adolescente em conflito com a lei
Morte AND comportamento do adolescente
Morte AND Estatuto da Criança e do Adolescente
Morte AND percepção do adolescente
Morte AND imaginário social

Morte AND percepção social
Educação para a morte AND adolescente
Educação para a morte AND socioeducação
Educação para a morte AND representação social
Educação para a morte AND privação de liberdade
Educação para a morte AND adolescente em conflito com a lei
Educação para a morte AND comportamento do adolescente
Educação para a morte AND estatuto da criança e do adolescente
Educação para a morte AND percepção do adolescente
Educação para a morte AND imaginário social
Educação para a morte AND percepção social
Sentido de morte AND adolescente
Sentido de morte AND socioeducação
Sentido de morte AND representação social
Sentido de morte AND privação de liberdade
Sentido de morte AND adolescente em conflito com a lei
Sentido de morte AND comportamento do adolescente
Sentido de morte AND percepção social
Sentido de morte AND imaginário social
Sentido de morte AND percepção social

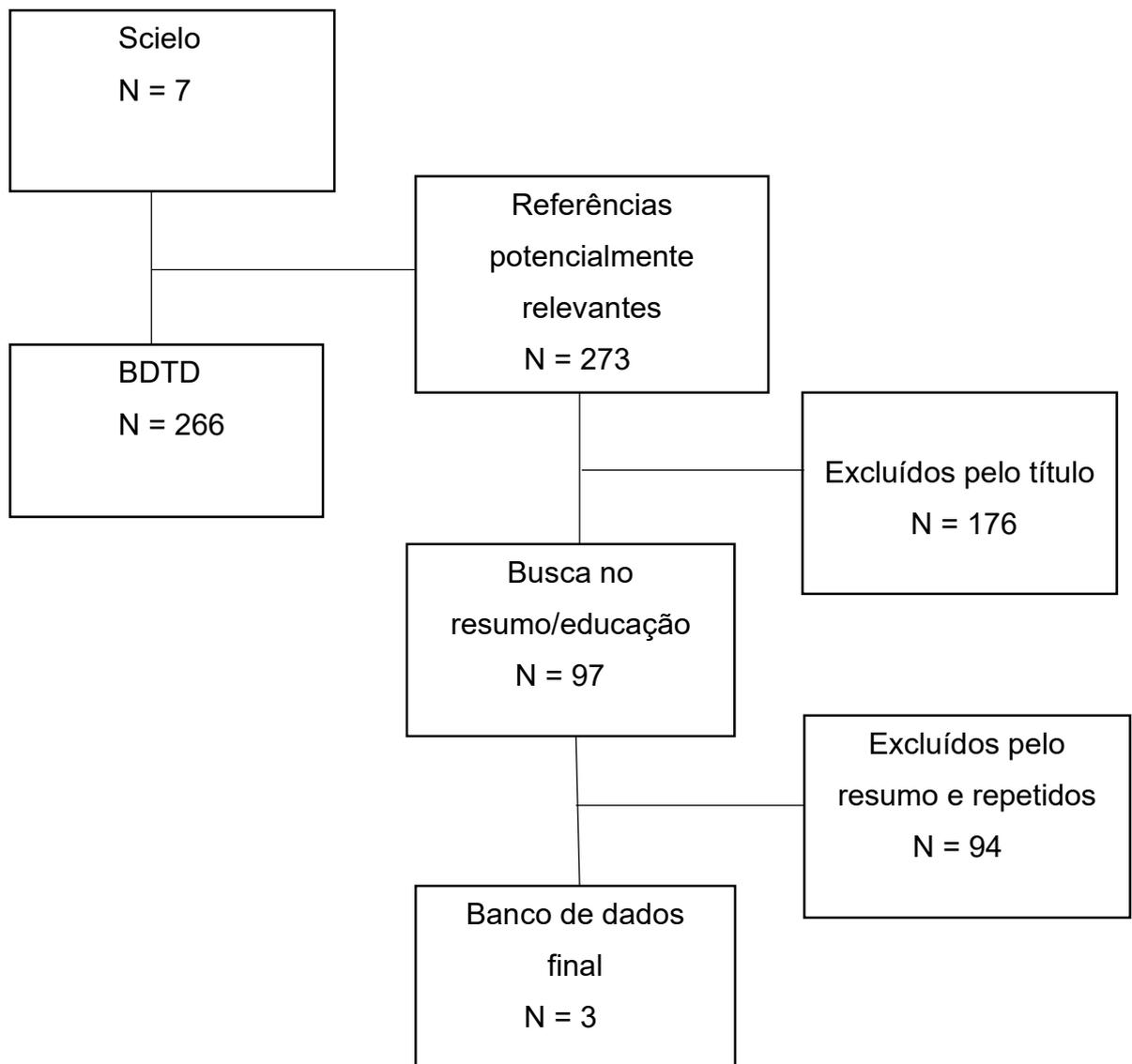
FONTE: Sanches-Rosa e Asinelli-Luz (2019).

Em maio de 2019 foram iniciadas as pesquisas nos bancos de dados escolhidos. Para esse momento da revisão, utilizamos como critérios de inclusão: artigos, teses e dissertações em língua portuguesa e brasileira entre os anos de 2016-2018. Apenas três anos por acreditarmos ser um recorte de tempo que envolve estudos contemporâneos e atualizados. Foram encontrados e armazenados um total de 273 trabalhos científicos. Na BDTD foram encontrados 266, enquanto na Scielo somente 7. Dos trabalhos encontrados: 7 são artigos, 173 dissertações e 93 teses. Diante dos números apresentados podemos observar que os estudos se concentram em maior número no mestrado de diversas áreas, como: administração, direito, educação, saúde.

No segundo momento, realizamos uma filtragem entre os 273 trabalhos, utilizando como critério de inclusão os trabalhos que apresentassem em sua titulação uma das palavras-chaves ou os descritores encontrados no *thesaurus*. Restaram 97 trabalhos, sendo 3 artigos da Scielo e 94 dissertações e teses da BDTD.

Num terceiro e último momento da revisão, as filtrações ocorreram no mês de julho de 2019. Por meio dos resumos, verificamos e excluimos os trabalhos que não são da área da educação e os repetidos. Três trabalhos se mostraram relevantes para este TCC por atenderem os requisitos pré-definidos citados anteriormente.

FIGURA 1 – RESULTADO DAS BUSCAS DA REVISÃO SISTEMÁTICA



FONTE: Sanches-Rosa e Asinelli-Luz (2019).

Após o processo de seleção nos bancos de dados e as inclusões e exclusões dos trabalhos científicos, os QUADROS 4, 5 e 6 trazem as descrições dos estudos selecionados.

QUADRO 4 – SCIELO: ARTIGO

TÍTULO	A atuação do profissional de saúde residente em contato com a morte e o morrer
REFERÊNCIA	ANDRADE, Noeme Moreira; LIMA, Maria Juliana Vieira. A atuação do profissional de saúde residente em contato com a morte e o morrer. Saúde Soc. São Paulo, v.26, n.4, p.958-972, 2017.
AUTORAS	Maria Juliana Vieira Lima e Noeme Moreira de Andrade
ÁREA	Saúde
MODALIDADE	Artigo
BANCO DE DADOS	Scielo
ANO	2017
INSTITUIÇÃO	Universidade Federal do Ceará (UFC)
LOCALIDADE	Hospital Infantil Albert Sabin. Fortaleza, CE, Brasil
OBJETIVO	Visa compreender a percepção do profissional de saúde residente diante da atuação na morte e no morrer, investigar a formação dos residentes sobre essa temática, a experiência de atuação nessas situações e o aparato teórico e técnico obtido
METODOLOGIA	Natureza Qualitativa
INSTRUMENTOS METODOLOGICOS	Entrevistas semiestruturadas com médicos residentes de um hospital infantil e outros profissionais
REFERENCIAL TEÓRICO	Hermenêutica fenomenológica de Paul Ricœur (2002)

FONTE: Sanches-Rosa e Asinelli-Luz (2019).

Mesmo não sendo um artigo explicitamente da área da educação (um dos critérios de inclusão na revisão sistemática), justifica a sua inclusão por ele ter sido

desenvolvido com estudantes residentes e trouxe a importância de se estudar a morte e o morrer na preparação acadêmica.

O artigo visa discutir o tabu que existe sobre a morte e o morrer na contemporaneidade, evidenciando que em séculos passados era um assunto amplamente participativo e inclusivo no cotidiano das pessoas. Devido a decorrência de um processo sociohistórico isso não ocorre mais. A insuficiência na formação acadêmica entre os profissionais que lidam com ela em seu dia a dia, principalmente os da área da saúde, faz com que muitas vezes estejam ou sintam-se despreparados em lidar com seus pacientes que estão em situação de morte ou em seu processo. Estende também aos entes queridos; como dar a notícia da morte.

A inserção do tema morte nos currículos acadêmicos seria uma possibilidade de suprir essa carência apontada por esses profissionais, ou para alguns, o aprofundamento do assunto em determinados momentos. O apoio de outro profissional seria fundamental para que possam superar um fracasso em sua profissão que é a perda da vida de um paciente e compreender melhor a situação e estarem restabelecidos para lidar com futuras emoções pessoais e de outros.

As especificidades dessa área também estão presentes em outras frentes, como na educação, com a maior visibilidade das violências e casos de suicídios ou de ideação suicida em crianças e adolescentes. E, na socioeducação onde os adolescentes inseridos no sistema, muitas vezes, são os causadores de morte ou a presenciam e a enfrentam em seus cotidianos. Os profissionais dessas respectivas áreas precisam refletir sobre um assunto que em muitos espaços é negligenciado.

QUADRO 5 – BDTD: TESE

TÍTULO	Castigo e crime: adolescentes criminalizados e suas interações com as condutas de risco, a educação e o sistema de justiça
REFERÊNCIA	ROCHA, Julia Siqueira da. Castigo e crime: adolescentes criminalizados e suas interações com as condutas de risco, a educação e o sistema de justiça. 2016.
AUTORA	Julia Siqueira da Rocha
ÁREA	Educação
MODALIDADE	Tese

BANCO DE DADOS	BDTD
ANO	2016
INSTITUIÇÃO	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
ORIENTADORA	Prof ^a . Dr ^a . Ione Ribeiro Valle
COORIENTADOR	Prof. Dr. David Le Breton
LOCALIDADE	Florianópolis, SC, Brasil
OBJETIVO	<p>Investigar, por meio do aporte da sociologia, as trajetórias de vida e escolar de adolescentes em condutas de risco, categorizados como em atos criminalizados judicialmente, em interação com os mecanismos de justiça advindos da escola e do sistema de justiça.</p> <p>Objetivos específicos: Estudar temas e categorias que aprofundem os saberes sobre adolescentes em condutas de risco; ouvir, registrar e analisar trajetórias de vida e escolar de adolescentes em atos criminalizados; produzir e socializar conhecimentos que ajudem a qualificar a prática dos profissionais da educação no trabalho, com os adolescentes em conduta de risco; e produzir e socializar conhecimentos que subsidiem as decisões e deliberações das instâncias do judiciário em relação aos adolescentes em conduta de risco.</p>
METODOLOGIA	Natureza qualitativa. Centrada no interacionismo simbólico e inspirada na etnografia
INSTRUMENTOS METODOLOGICOS	Diário de campo; análise documental; observação participante; e entrevistas: 16 adolescentes criminalizados, em situação de semiliberdade e alguns profissionais do sistema de justiça e do sistema educativo.
REFERENCIAL TEÓRICO	Se deu à luz da sociologia, em especial da teoria das condutas de risco de adolescentes, produzida por David Le Breton.

FONTE: Sanches-Rosa e Asinelli-Luz (2019).

Pesquisa que contemplou todos os quesitos de inclusão, as entrevistas foram diretas com adolescentes (meninos e meninas) que estavam sob medida socioeducativa em uma semiliberdade, muitos conceitos bem discorridos e motivações para a morte são apresentadas pelos adolescentes.

A tese traz em seu título um trocadilho com a obra do celebre autor Fiódor Dostoiévski, Crime e Castigo. A inversão das palavras do título original para “Castigo e Crime” propositalmente como forma de protesto aos adolescentes que estão cumprindo medida socioeducativa, pois a autora justifica sua escolha dizendo que muitos foram castigados antes mesmo de cometer qualquer ato infracional.

Muitos na sociedade estigmatizam como “bandidos” sem ao menos saber o significado dessa palavra. Também são castigados em muitos direitos negados que são essenciais a vida, como: direito à moradia de qualidade, saneamento básico, educação básica com qualidade, saúde. A tese discorre as condutas de risco que esses adolescentes tiveram para serem quem são hoje e porque a justiça em relação à escola os assombra, causam ainda mais violência, os limitam e não os protegem.

QUADRO 6 – BDTB: DISSERTAÇÃO

TÍTULO	Sexualidade e agressividade do adolescente no espaço escolar: contribuições psicanalíticas
REFERÊNCIA	PIMENTEL, Gisele Arendt. Sexualidade e agressividade do adolescente no espaço escolar: contribuições psicanalíticas. Ano. 2017, 140 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Mestrado em Educação, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2017.
AUTORA	Gisele Arendt Pimentel
ÁREA	Educação
MODALIDADE	Dissertação
BANCO DE DADOS	BDTD
ANO	2017
INSTITUIÇÃO	Universidade Estadual do Oeste Do Paraná (UNIOESTE)
ORIENTADORA	Prof ^a . Dr ^a . Giseli Monteiro Gagliotto

LOCALIDADE	Francisco Beltrão, PR, Brasil
OBJETIVO	O trabalho investigou a relação entre as categorias agressividade e sexualidade em adolescentes no contexto escolar, considerando-as inter-relacionadas.
METODOLOGIA	Natureza quali-quantitativa. Revisão bibliográfica e a pesquisa de campo
INSTRUMENTOS METODOLOGICOS	Aplicação de questionários semiabertos para coleta de dados no ambiente escolar. (17 adolescentes entre 13 e 15 anos de idade, e 11 professores que lecionam para esses discentes em áreas de conhecimento distintas).
REFERENCIAL TEÓRICO	Psicanalítica. O materialismo histórico dialético (teórico-filosófico)

FONTE: Sanches-Rosa e Asinelli-Luz (2019).

Dissertação de mestrado que contemplou todos os quesitos de inclusão e apresenta conceitos sobre adolescência. Este trabalho trouxe aporte teórico para a pedagogia, e entendimento das manifestações agressivas dos adolescentes em situação escolar por meio da teoria psicanalítica. A relação da agressividade com a sexualidade ao tratar das pulsões de vida e morte, como informa a autora, é o conceito basilar para compreender que os indivíduos manifestam sua agressividade desde a infância, no desenvolvimento biológico, psicológico e social, ressalta Pimentel.

Esses são os 3 (três) trabalhos científicos que foram selecionados na revisão sistemática. Chama a atenção que nas duas bases obtivemos trabalhos; as 3 (três) modalidades que foram definidas ao início da revisão estão presentes (artigo, tese e dissertação); observamos que os estudos estão concentrados na pós-graduação e que precisamos estudar mais a socioeducação. Essas três fontes foram consultadas diversas vezes ao longo da construção desse TCC. Relembramos que todas as 8 etapas estabelecidas para realização da revisão sistemática foram seguidas.

3 REVISÃO DE LITERATURA/DOCUMENTAL

3.1 MORTE

A tanatologia é a ciência que estuda a morte como o fim biológico de um ser vivo. Segundo Chiavenato é a “cessação da vida, resultando uma irreversível mudança no metabolismo das células” (1998, p. 79).

Segundo Norbert Elias, dentre todos os seres vivos, somente o homem sabe que vai morrer (2001, p. 10). Frase esta que nos confirma a nossa finitude e a única certeza que podemos ter na vida, seja ela nosso combustível para termos escolhas ou não.

A morte é um fenômeno natural de qualquer ser vivo, porém, na contemporaneidade pouco se fala sobre o assunto. Muitos dos trabalhos centram-se na saúde e na Psicologia, essa tem se debruçado sobre o tema há muito tempo, fala-se até em uma Psicologia da Morte, no sentido de apontar uma grande área de atuação. Maria Julia Kovács, da Universidade de São Paulo – USP, coordena um Laboratório de Estudos Sobre a Morte (LEM) com os seguintes objetivos a fim de demonstrar sua importância, seguem eles:

Formar profissionais de saúde e educação sensíveis às pessoas em situações de perdas, limite, luto e morte nas várias fases do desenvolvimento. Pesquisas envolvendo alunos de graduação, pós-graduação e profissionais de saúde e educação. Estimular a busca do conhecimento, reflexão e discussão sobre os temas da morte. Criar banco de dados com bibliografia atualizada. Atendimento à comunidade para pessoas em situações de doenças e perda. (PORTAL IP, 2019)

As suposições para pouca discussão podem ser medo, desconhecimento, um assunto irrelevante, ou um tabu. Conforme Ariès (2012), a morte em sua construção histórica nos séculos passados era doméstica, assistida, com presença de amigos e familiares, incluindo as crianças, onde o moribundo se preparava e a esperava, quando natural. Ou como Reis a definia: “uma festa”, “um espetáculo social” (1991). Hoje, ao contrário, a morte é selvagem, fria, sozinha muitas vezes num leito de hospital, com alguns membros familiares presente. A morte passou a ser um assunto negligenciado em várias esferas da sociedade, “a morte é escondida e silenciada” (MUNIZ, 2006, p. 160). Confirmando o que Andrade e Lima (2017) informaram no artigo (A atuação do profissional de saúde residente em contato com a morte e o

morrer) que o tema morte não faz parte dos currículos acadêmicos ou não é aprofundada devidamente.

Em seu trabalho, Gorer (2003) é mais ousado em comparar a morte à masturbação, que na maioria dos casos é sozinha e solitária. Ele dialoga com Ariès quando afirma que no século XIX o assunto morte fazia parte do cotidiano das pessoas e o sexo era um tabu. Atualmente isso se reverteu. As literaturas coincidem quando a morte se torna um tabu para os dois autores.

Diante de alguns pensamentos sobre a morte o que não se pode negar é sua existência. Ela fará parte da vida de qualquer ser vivo, segundo Silva et al:

A morte é considerada como parte constitutiva da existência humana. É, sem dúvida, uma das poucas coisas de que temos certeza e sua imprevisibilidade obriga o ser humano a conviver com a sua presença *in memoriam* desde o início ao estágio final do seu desenvolvimento. A morte pertence às categorias chamadas de irrealizáveis, isto é, aquelas categorias que incluem as experiências que não podemos antecipar e nem imaginarmos nós mesmos. Admite-se, ainda, ser a morte um processo natural, universal, e inevitável, entretanto não conseguimos imaginar nossa própria morte e acabamos projetando-a nos outros, pois é quase impossível conceber o mundo sem a nossa presença. (SILVA et al., 2007, p.100).

Mesmo sendo experimentada pelo outro, a morte é sabida. Porém, como a sua será, é impossível saber. Regra que é quebrada quando antecipada por vontade própria.

3.2 REPRESENTAÇÃO SOCIAL

A cultura e a sociedade em que se está inserido poderá determinar a representação que a morte pode ter para o indivíduo. Segundo Chiavenato (1998), uma das primeiras formas de representação da morte foram encontradas em pinturas rupestres, onde a morte era representada por meio do ato de caçar. E, Segundo Chatier:

A representação como dando a ver uma coisa ausente, o que supõe uma distinção radical entre aquilo que representa e aquilo que é representado; por outro, a representação como exibição de uma presença, como apresentação pública de algo ou alguém. (CHARTIER, 1990, p.20).

No entanto, para a teoria das representações sociais - RS, “não há representação sem objeto” (JODELET, 2001, p. 22). Bem como, reconhece que as

RS respondem pelas condutas e formas de comunicação social que estabelecemos com o mundo e com as coisas do mundo.

Mediante ao assunto estudado e para sua melhor compreensão, é preciso entender como a representação da morte está presente aos adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa. No QUADRO 7 alguns motivos para a morte apresentados pelos adolescentes entrevistados por Rocha (2016). De acordo com Perrusi (1995), mediante a ela o imaterial adquire “materialidade”, ou seja, sabemos e confirmamos quando estamos presentes da finitude do outro.

3.3 ADOLESCENTES

Adolescente é o sujeito desta pesquisa. Entender o seu conceito e quem é o adolescente infrator é fundamental para compreender essa fase da vida. Pimentel (2017) informa que adolescência tem duas origens etimológicas que vêm do latim e são: ad (a, para) e olescer (crescer) sendo seu sentido de crescimento e adolescer (adoecer). Nessa dupla origem da palavra adolescente, o indivíduo além de crescer fisicamente, também passa por transformações psíquicas. Adoece devido à sua transformação biológica e mentais, ou seja, um sofrimento emocional nessa fase da vida.

Pimentel (2017) explana um retrospecto histórico sobre a constituição de adolescência. Ela começa no início do século XX, portanto foi durante a Segunda Guerra Mundial que determinado grupo apresentava particularidades que os diferenciavam dos demais, antes disso eram vistos como crianças e ou pré-adultos. O termo é uma construção histórico-social. Adolescência é uma fase ou etapa da vida assim como a infância, mas ganha autonomia e se torna um termo literário que antes não se existia. Portanto, é uma construção histórica e relacionada a algumas culturas.

A autora Pimentel alerta, “definir um conceito de adolescer é uma tarefa bastante complexa e requer a contribuição de diferentes áreas de conhecimento como: a Biologia, a Sociologia, a Psicologia, a Antropologia, a Pedagogia, entre outras”. (2017, p. 22). Rocha complementa: “há muito já se sabe que a adolescência é um conceito cultural que se transmuta no tempo e no espaço, não podendo ser concebida de forma única”. (2016. p. 17). As autoras evidenciam que existem adolescências e não pode generalizar o conceito a um tempo, espaço ou localidade.

Ele demanda de várias áreas do conhecimento para a conceituar. Na dissertação de Pimentel (2017), a autora chama atenção em algo que não pode ser desconsiderado, que a adolescência, dependendo de onde se desenvolve, ou seja, o ambiente social, econômico e cultural, gera diferentes peculiaridades.

No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) estabelece que adolescência é dos 12 aos 18 anos incompletos (BRASIL, 1990, art. 2º). No Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) o extrato social da adolescência está contemplado entre os 10 e 19 anos, o que representa no Brasil uma população de 34.157.631 do total de 190.755.799, ou seja 17,91% dos brasileiros estão entre os 10 e 19 anos de idade de acordo com o último Censo de 2010, o próximo está previsto para 2020. Verificando a população estimada no site do IBGE em 31/08/2019 às 19h03 é de 210.147.125. Seguindo esta lógica no estado paranaense a população de pessoas entre 10 e 19 anos é de 1.837.701; o percentual em relação ao nacional é 5,38%. Isso significa que no estado do Paraná, uma parcela significativa de adolescente está inserida e convivendo em sociedade.

Sabemos que existem adolescências e que cada uma se constitui de acordo com seu tempo, lugar e espaço e que não existe definição única. Lançado a isso, evidenciamos qual é o meio em que estão inseridos predominantemente os adolescentes que cumprem medida socioeducativa, ou seja, seu lugar e espaço. Rocha (2016) informa:

São comunidades que se formam em áreas consideradas impróprias para moradia ou qualquer outro tipo de edificação. Ausentes dos mercados imobiliários são ocupadas por um contingente de pessoas despossuídas das inúmeras formas de capitais, ou são aquelas áreas, muitas vezes, distantes dos centros urbanos, ou neles estão de forma precária, lugares onde as políticas neoliberais compensatórias assentam estas populações. Trata-se de lugares que sofreram graves sanções do tipo enchentes, desabamentos pelas condições naturais peculiares que os circunscrevem: encostas de morros, charcos e beiras de rio; ou ainda, porque as áreas ocupadas anteriormente foram incorporadas pelo mercado formal imobiliário, ou por processos de urbanização, como alargamento de estradas, construções de avenidas. São, portanto, populações deslocadas para setores menos valorizados e de baixa estrutura urbana. (p. 76/77)

A autora também apresenta as disparidades econômicas, sociais e de oportunidades entre os outros adolescentes periféricos e os não periféricos:

Os jovens que se beneficiam de capital econômico desfrutam a vida sem muito compromisso, até herdarem os postos ocupados por seus antecessores; os de classe média tendem a experienciar o mundo do trabalho junto com o dos estudos porque há uma rede social e cultural que lhes assegura um estágio, uma bolsa, um trabalho, mas sem a obrigatoriedade de sustentação plena, pois há o entendimento de que esta é uma exigência que vai além das capacidades já adquiridas. Aos adolescentes da periferia, o discurso incorporado é o de que são malandros e que não faltam postos de empregos, ainda que sejam aqueles para os quais os que discursam não designariam seus filhos. Há entre os adultos das camadas populares, posturas que tendem a ser ainda mais rígidas, pois suas trajetórias incluem o subemprego desde sempre e, por isso mesmo, pensam que seus filhos devem começar a pegar no pesado o mais rápido possível. (ROCHA, 2016, p. 82-83)

A adolescência como entendido é uma transição da fase infantil para a fase adulta, onde transformações corporais, hormonais, psíquicas, sociais, culturais estão em plena transformação e expansão. Pimentel (2017, p. 117) evidencia que é um momento com diversos conflitos, descobertas, construções, identificação de suas potencialidades e relacionamentos com diversas esferas do mundo. Ela classifica como se fosse um processo dialético de interação sujeito e ambiente sendo influenciado por ele, e nesse processo, configura sua identidade no mundo.

Sobre a configuração de identidade ao mundo, Arendt (1954, p. 237) adverte que “toda vez que esta é permanentemente exposta ao mundo sem a proteção da intimidade e da segurança, sua qualidade vital é destruída.” Segurança é um meio dito como adequado e pode proporcionar ao desenvolvimento subjetivo do sujeito. Intimidade é essa que os mais próximos, cito os pais, pode ter em relação com seus filhos, desde o ato da concepção até o estado atual (adolescência). Elas contribuem para a efetiva identidade. Se esse apoio for frágil ou vulnerável, todo esse processo corre o risco de sofrer interferências externas, que muitas vezes não são positivas. Na falha dos íntimos, Pimentel (2017, p. 92) diz que “o sujeito busca novas experiências, novos referenciais para além do círculo familiar.”

A intensificação da sexualidade é outra particularidade da fase da adolescência que contribui em sua efetiva identidade, Rocha (2016, p. 36) esclarece:

segundo as análises psicanalíticas, uma mudança do equilíbrio psíquico, produzindo novas vulnerabilidades orgânicas, corporais e da personalidade, costumeiramente chamada de "crise", que se constituiria em mais uma das tantas crises comuns à existência humana. [...] essa “crise” não se dá isoladamente no indivíduo: ela é de cunho social e familiar, na medida em que os pais também têm dificuldades em reconhecer o (a) próprio(a) filho(a) como um novo ser.

Piaget em seus estudos, define a fase da adolescência como sendo o “período das operações formais”, e sua efetiva construção de sujeito se desenvolve na relação com o outro, não sendo linear e nem contínua, mas pela integração de novas funções e aquisições às anteriores (apud ROCHA, 2016).

A interação com seus familiares, com o meio e, principalmente, seus pares, são de fundamental importância para o desenvolvimento e construção subjetiva da personalidade de cada indivíduo, uma vez frágil, qualquer uma dessas partes compromete a construção final entre imaginário e realidade. Rocha (2016, p. 53) atribui que “a autonomia requer segurança afetiva e a independência se qualifica no reconhecimento” e completa confirmando a definição de Piaget, “os humanos necessitam, além da experiência da dedicação afetiva e do reconhecimento jurídico, de uma estima social que lhes permita referir-se positivamente às suas propriedades e capacidades concretas”.

3.3.1 Condutas de risco dos adolescentes

Rocha (2016) em sua tese de doutorado utilizou-se da teoria das condutas de risco de adolescentes, produzida por David Le Breton, sociólogo, antropólogo, psicólogo, francês. A autora elucida que o conceito da teoria é complexo e engloba uma série de comportamentos diferentes, simbólicos ou real, o perigo existente, exposição deliberada possibilitando a dor, a morte ou um futuro incerto. Finaliza que na adolescência as condutas de risco são tentativas dolorosas de ritualizar a passagem para a fase adulta. Condutas que, muitas vezes, os adolescentes se apropriam para se reafirmarem socialmente e perante os seus pares.

A autora faz a seguinte observação quanto às pulsões na fase da adolescência, as quais justificam suas condutas de risco:

O adolescente está, frequentemente, à flor da pele e suas reações são sem meias medidas e sem recuos. Um conflito com seus pais ou amigos, uma ruptura amorosa, uma decepção, têm, para ele, contornos de um drama sem dimensão. (ROCHA, 2016, p. 41)

Os adolescentes que cumprem medida socioeducativa, em muitos momentos de suas vidas privadas, atrelam elas às condutas de risco que muitas vezes entram num jogo de vida ou morte para se efetivarem ao seu meio. Rocha (2016, p. 20)

entende que “[...] à adolescência, em permanente mudança, exige estudos contínuos para produzir uma educação apropriada para meninos e meninas deste tempo histórico”. Complementa (2016, p. 22) “o fato é que não há soluções simplistas para a problemática, é crescente a participação de adolescentes em crimes, porém é muito maior sua vulnerabilidade a violência e a morte dentro de uma sociedade desigual”. Desafio do tempo atual à educação.

3.3.2 Adolescentes x morte = representação

A autora Rocha (2016) em sua tese entrevistou 16 adolescentes, 10 meninos e 6 meninas, com idades entre 16 e 19 anos, cumprindo medida socioeducativa de semiliberdade. Ao longo das entrevistas várias motivações para a morte por parte desses adolescentes foram reveladas, que apresentamos no QUADRO 7.

QUADRO 7 – AS MOTIVAÇÕES DA MORTE POR ADOLESCENTES ENTREVISTADOS

Por dívida
Por má conduta / não respeitar / não seguir as regras do seu meio
Confronto policial
Marcada / jurada
Sobreviver no crime
Determinação do seu superior “patrão”
Por traição
Morrer ou matar
Prazer
Ameaça do parceiro
Ter valorização
Higienista
Saída ou fim de um sofrimento “suicídio”

FONTE: Sanches-Rosa e Asinelli-Luz (2019).

Todas as motivações do QUADRO 7 estão relacionados com a violência, mesmo quando há prazer, pois esse prazer vem com o sofrimento do outro. Violência doméstica surgiu em uma das entrevistas. Não ficamos surpresos por essa

revelação ser de uma mulher, uma vez que no Brasil, em 2017, 13 mulheres foram assassinadas por dia, totalizando um total de 4.936 mulheres mortas, sendo esse o maior número desde 2007 (BRASIL, 2019, p. 35).

Outra motivação revelada é a ideação suicida, assunto de grande projeção nacional. Tanto que o mês de setembro é dedicado a essa questão de saúde mental, preocupando vários órgãos nacionais e internacionais, sendo a segunda causa de morte de jovens com idade entre 15 e 29 anos. Cerca de 800 mil pessoas tiram suas próprias vidas por meio de ingestão de pesticidas, enforcamento e de arma de fogo (BRASIL, 2018).

A questão higienista surgiu de uma das adolescentes que praticamente classificou as pessoas em: quem importa viver e as que não fazem diferença social. Para ela, uma pessoa que está em vulnerabilidade e envolvida na drogadição pesada não é importante. Ao tirar a vida de uma dessas pessoas, em seu imaginário, está realizando uma limpeza.

As outras representações/motivações têm ligação direta ao mundo da criminalidade. São condutas específicas adotadas por esse sistema que se sustenta com regras próprias. Regras essas que, muitas das vezes, não existe perdão, não há escolhas, são realizadas, conforme Rocha (2016) classifica, por “justiceiros” ou se fazer justiça em desacordo com a justiça. A morte, para ser reconhecida perante o grupo, demonstra o quanto a vida pode não ter importância, a palavra empatia nesse caso se aplica somente entre seus pares e, mesmo assim, perdendo-a a qualquer momento a depender da situação.

As motivações apresentadas no QUADRO 7, sem exceção, denunciam as desigualdades sociais, as oportunidades reduzidas de escolhas pela sobrevivência, o desencanto pela vida, a decisão tênue entre matar e morrer, a vulnerabilidade ampliada pelo descaso das políticas públicas sociais para a adolescência e juventude. Surge daí uma representação de morte como consequência natural do estilo de vida em que as desigualdades sociais dão o tom e definem a quem cabe viver ou morrer, mesmo em idades tão tênues e precoces.

Na questão da autoafirmação, o que deduzimos ser uma das maiores ‘batalhas’ pessoas na adolescência, o enfrentamento a morte muitas vezes é intrínseco a sua condição humana, Rocha (2016, p. 45) revela que o adolescente “interroga simbolicamente a morte e, pelo fato de sobreviver, garante o valor de sua existência.”. Complementa, “escapar da morte pode induzir ao retorno para uma vida

mais feliz”. A morte em situação de perigo e não mais um fenômeno natural. O ‘escapar’ da morte de situações que não são consideradas ‘naturais’ (idade avançada, doenças terminais, consequências de um acidente, catástrofe) é quase estágio obrigatório para poderem existirem fazendo parte da identidade de muitos, ou o que Rocha (2016, p. 45) define: encontrar os limites que faltam e legitimidade pessoal.

Outro fator importante na relação adolescente x morte apontado por Rocha (2016) é a virilidade, o jogo entre vida e morte perante os seus pares lhe dão status quo, ou seja, admiração, respeito. Um dos entrevistados por Rocha (2016), identificado como Alex, 17 anos, revela que a morte traz poder. Sua fala nos induz a acreditar que ela se torna instrumento para aqueles que tem maior prestígio dentre a sua comunidade. Ele adverte outro sobre sua postura com ameaça, “Eu falei pra ele que ia matar ele.” (2016, p. 99).

A morte em muitos casos é presença constante, uma vez que a falta de seu progenitor os assombra desde o nascimento. Em outros casos, de ambos. Há casos que ameaças sobre suas vidas por aqueles que deveriam lhes proteger, caso relatado por Alex, 17 anos, “a minha mãe puxava o facão pra me matar” (ROCHA, 2016, p. 102). Assim como a autora questiona os órgãos responsável por manter os direitos desses adolescentes, mas que por fim causam ainda mais violações. Esses pais lhes ensinam que a morte é ‘educadora’ desde muito cedo.

O Atlas da Violência - AV (2019), com relação ao público adolescente informa que, em 2017, 35.783 jovens foram assassinados no Brasil, o equivalente a 69,9 homicídios para cada 100 mil jovens no país. O homicídio foi a causa de 51,8% dos óbitos dentre a faixa etária de 15 e 19 anos sendo o principal causador de morte para essa faixa etária no país. A morte prematura (15 a 29 anos) é um fenômeno que tem crescido no Brasil desde a década de 1980.

Explanando melhor as mortes dos adolescentes brasileiros em 2017, seguem abaixo dois QUADROS, seguindo a mesma lógica dos homicídios em sua totalidade, as menores taxas de homicídios entre as Unidades Federativas do Brasil - UFs e as mais elevadas taxas.

QUADRO 8 – UF COM AS MENORES TAXAS DE HOMICÍDIOS DE JOVENS, POR GRUPO DE 100 MIL

Posição	UF	Taxa
1º	Piauí	38,9
2º	Santa Catarina	30,2
3º	São Paulo	18,5

FONTE: Sanches-Rosa e Asinelli-Luz (2019).

Destaco que São Paulo é o estado mais populoso do Brasil, 12.252.023 pessoas (IBGE, 2019), logo a maior população de jovens/adolescentes, e o terceiro na classificação dos estados com menor taxa de violência contra os jovens brasileiros. Seguindo a lógica de quanto mais populoso, mais homicídios, teria que ser o primeiro do *ranking* entre o mais violento. Confirmação de que concentração de pessoas não é sinônimo de violência.

QUADRO 9 – UF COM AS MAIORES TAXAS DE HOMICÍDIOS DE JOVENS, POR GRUPO DE 100 MIL

Posição	UF	Taxa
1º	Rio Grande do Norte	152,3
2º	Ceará	140,2
3º	Pernambuco	133,0

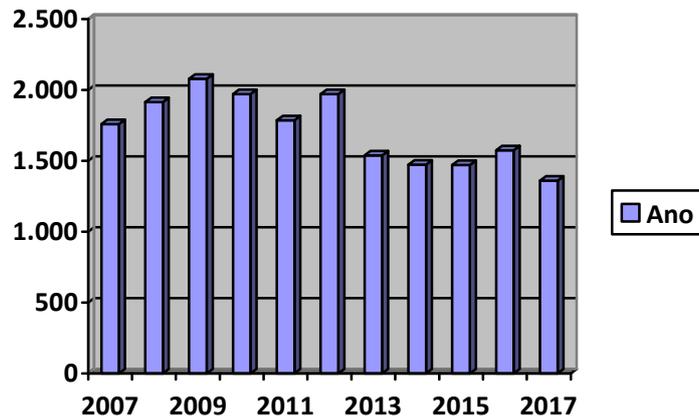
FONTE: Sanches-Rosa e Asinelli-Luz (2019).

O QUADRO 9 demonstra a centralização da violência a uma única região brasileira: nordeste. Explicação no capítulo 4, AV, onde há interesses das facções criminosas do Brasil a essa região. O que justifica as altas taxas de homicídios dos jovens brasileiros serem dessa região. Diante deduzimos que muitos dos adolescentes que cumprem alguma medida socioeducativa no Brasil e ou no Paraná devem ser pertencentes a alguma facção criminosa e, muitos dos seus atos infracionais estão relacionados ao narcotráfico. O destaque do QUADRO 9 são as altíssimas taxas de homicídios, superando a casa dos 100%.

A realidade paranaense está na casa dos 49,9. Abaixo da nacional e a 8ª no *ranking* das menores taxas de homicídios de jovens em 2017 (BRASIL, 2019).

Analisando os números de jovens mortos entre 2007 a 2017 a redução é de -22,7%. Vide o GRÁFICO 1 com esses números.

GRÁFICO 1 – NÚMERO DE HOMICÍDIOS DE JOVENS NO ESTADO DO PARANÁ ENTRE OS ANOS DE 2007 A 2017



FONTE: Sanches-Rosa e Asinelli-Luz (2019).

Entre os anos de 2016 e 2017, o AV (2019) informa que as UFs com maiores aumentos de homicídios entre 15 e 19 anos são: Ceará, +60%; Acre, +50,5% e Pernambuco, +26,2%, dentre a variação percentual. E, as reduções são: Distrito Federal, -21,3%; Piauí, -13,9% e Paraná, -13,3% (BRASIL, 2019).

Outro apontamento é revelado no AV, que a violência é mais relacionada ao sexo masculino, “dos 35.783 jovens assassinados em 2017, 94,4% (33.772) eram do sexo masculino” (BRASIL, 2019, p. 27).

Para as UFs que apresentaram redução em suas taxas de violência/homicídios, o AV (2019) citou dois fatores: o Estatuto do Desarmamento de 2003, por frear a escalada armamentista e a transição demográfica rumo ao envelhecimento da população, causando a diminuição da taxa de jovens (BRASIL, 2019, p. 16).

O AV, 2019, explicita a necessidade de políticas públicas focando a redução de mortes violentas na faixa etária dos 15 aos 19 anos, a qual identifica como jovens. Mais investimento na juventude, melhoria de acesso à educação, cultura e esportes, investimento na primeira infância para que, no futuro, não sejam os

próximos criminoso. Ele ainda alerta que sai mais barato aos cofres públicos investir nesse momento e a intensificar o desarmamento no Brasil (BRASIL, 2019).

De acordo com o sistema de atendimento socioeducativo do Paraná, *Business Intelligence* – BI, 04/11/2019, o estado tem capacidade de atendimento para 972 adolescentes para cumprirem suas medidas socioeducativas distribuídas em suas 27 unidades - 19 CENSES e 8 semiliberdades. Na data citada o atendimento está em 829, sendo: 756 nos CENSES e 73 em semiliberdades. Destes 774 são do gênero masculino (93,37%) e 55 do feminino (6,63%). As idades variam de 14 a 20 anos, a predominação está na faixa dos 15 aos 18 anos. Os motivos pelos quais estão nessas unidades são muito variados, vão de receptação, cumprindo mandado judicial a homicídio qualificado. Alguns respondem por 1 ato enquanto outros por 5 ou mais, sendo 44,92% 1 ato. O tempo de apreensão deles/delas vão de 1 a mais de 725 dias. A composição familiar dos adolescentes são as seguintes: não preenchido, 14; até 3 pessoas, 229; de 4 a 6, 414; de 7 a 10, 98; acima de 10, 13; não tem família, 9 e não informado, 52. A renda familiar são as seguintes: de 1 a 2 salários mínimos, 420; de 2 a 3, 142; menos de 1 salário mínimo, 82; não informado, 70; sem renda, 50; de 3 a 4, 26; não preenchido, 14; de 4 a 5, 11 e mais de 5, 4.

QUADRO 10 – IDADE DOS ADOLESCENTES QUE CUMPREM MEDIDA SOCIOEDUCATIVA NO ESTADO DO PARANÁ

Idade	Quantidade
14 anos	43
15 anos	106
16 anos	182
17 anos	303
18 anos	162
19 anos	21
20 anos	3

FONTE: Sanches-Rosa e Asinelli-Luz (2019) a partir de *Business Intelligence* (2019).

Citado anteriormente, as faixas etárias com a maior quantidade de adolescentes cumprindo medida socioeducativa (privados e restrito de liberdades) estão entre os 15 e os 16 anos, todas acima de 100; destacamos 303 adolescentes

de 17 anos: Por que é a idade limite para cometem atos infracionais e irem para um centro de socioeducação ou semiliberdade dedica para os menores de 18? Questionamento interessante para novas pesquisas, pois o corte dos 16 anos é pauta para a redução da maioridade penal. Se isso ocorrer a maioria esmagadora estaria em outras unidades e seus atos seriam considerados crimes.

QUADRO 11 – TEMPO DE APREENSÃOS DOS ADOLESCENTES QUE CUMPREM MEDIDA SOCIOEDUCATIVA NO ESTADO DO PARANÁ

Dias	Quantidade	%
De 1 a 45	186	22,4
De 46 a 90	152	18,3
De 91 a 180	258	31,1
De 181 a 365	174	21,0
De 366 a 545	43	5,2
De 546 a 725	9	1,1
Mais de 725	7	0,8

FONTE: Sanches-Rosa e Asinelli-Luz (2019) a partir de *Business Intelligence* (2019).

No QUADRO 11 fica claro o quanto esses adolescentes estão deixando de viver, estão segregados de suas comunidades. Preocupação que todos temos que ter com nossos jovens, principalmente na preservação de sua integridade moral e física, dias de exclusão, abandono, reclassificados tendem a afetá-los psicologicamente e socialmente por todas as suas vidas.

QUADRO 12 – NATUREZA DOS PROCESSOS DOS ADOLESCNTES QUE CUMPREM MEDIDA SOCIOEDUCATIVA NO ESTADO DO PARANÁ

Natureza	Quantidade
Roubo	392
Tráfico de Drogas	324
Homicídio Qualificado	85
Homicídio Simples	84
Cumprimento de Mandado Judicial	71
Furto Simples	67
Furto Qualificado	65

Ameaça	61
Porte Ilegal de Arma de Fogo	31
Receptação	28
Roubo com Resultados de Morte	27
Lesão Corporal	24

FONTE: Sanches-Rosa e Asinelli-Luz (2019) a partir de *Business Intelligence* (2019).

Duas tipificações apresentadas no QUADRO 12 demonstram serem mais relevantes: roubo e tráfico de drogas. De acordo com o AV, 2019, principal motivo gerador de violência no Brasil são as drogas. Comprovando que no Estado do Paraná esse fenômeno também ocorre e, sendo umas das principais preocupações para o combate ao narcotráfico no estado e resgate desses jovens que possivelmente estão fora da escola ou tendo baixo desempenho e os deixando vulneráveis a possíveis confrontos armados com policiais e ou rivais, submissão a situações questionáveis, ao próprio vício.

O *business inteligente* (2019) aponta que muitos dos adolescentes privados ou restritos de liberdade são usuários ou já usou alguma substância psicoativa. As idades entre os 12 aos 14 anos é o momento de maior início ou curiosidade para o uso dessas substâncias. 121 adolescentes informaram que iniciaram ou experimentaram pela primeira vez aos 12 anos, 132 aos 13 e 118 aos 14 anos; as outras idades com maior expressão são 10 e 11 anos com 54 e 66 respectivamente e 72 aos 15 anos. Dentre eles apenas 131 disseram que realizaram algum tratamento para largar as drogas. Para muitos o uso é decorrente ao exemplo obtido dentro de casa. O sistema traz apontamentos que muitos dos entes queridos também são usuários de substâncias psicoativas, a centralidade está nos irmãos, mãe e pai.

QUADRO 13 – TIPO DE SUBSTÂNCIA PSICOATIVA UTILIZADAS/EXPERIMENTADA E INFORMADA PELOS ADOLESCENTES

Substância	Quantidade
Maconha	808
Tabaco	590
Álcool	574

Cocaína	429
LSD	211
Haxixe	177
Não Utiliza	177
Ecstasy	127
Solventes e Inalantes	108
Outros	59
Crack	38
Cogumelo	32
Cola de Sapateiro	11
Chá de Lírio	5
Heroína	1
Santo Daime	1
Mescalina	1

FONTE: Sanches-Rosa e Asinelli-Luz (2019) a partir de *Business Intelligence* (2019).

3.4 SOCIOEDUCAÇÃO

A Lei n.º 12.594, de 18 de janeiro de 2012 institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo – Sinase e regulamenta a execução das medidas socioeducativas destinadas aos/às adolescentes que praticam ato infracional (BRASIL, 2016). Os Centros Socioeducativos – CENSES são as unidades para o cumprimento de medidas socioeducativas com privação de liberdade perante determinação judicial, ou seja, espaço de internação ao/à adolescente infrator/infratora (BRASIL, 2016, art. 121). CENSE é uma denominação Paranaense, em outros estados brasileiros utilizam-se denominações diferentes para os Centros Socioeducativos.

Em sua grande maioria, ou deveria ser, os/as adolescentes internados/as em um CENSE cometeram ato infracional grave, ou seja, grave ameaça ou violência à pessoa, (BRASIL, 2016, art. 122), diante a classificação do ato a internação é considerada mais grave em relação às outras medidas socioeducativas (BRASIL, 2016, art. 42, § 3º). As outras medidas, seguindo a ordem da mais leve à mais grave são: advertência; obrigação de reparar o dano; prestação de serviços à comunidade;

liberdade assistida; inserção em regime de semiliberdade e internação em estabelecimento educacional – CENSE (BRASIL, 2016, art. 112).

Os/As adolescentes que estão nos CENSES, na sua maioria estão na faixa etária entre os 14 e 21 anos de idade, em casos excepcionais menor que 14 anos, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) que foi instituído pela Lei n.º 8.069, de 13 de julho de 1990 com a disposição de proteção integral à criança e ao adolescente (BRASIL, 2016, art. 1º) prevê a internação com base na data ocorrida do seu ato infracional, ou signifique, se ele foi cometido antes de completarem 18 anos responderão judicialmente em um CENSE (BRASIL, 2016, art. 104º, parágrafo único), podendo cumpri-la até completar 21 anos, adquirindo a liberdade compulsória, e, também se enquadra para quando completam 3 (três) anos de internamento (BRASIL, 2016, art. 121º, parágrafos 3º, 4º e 5º). As mesmas regras servem para as Casas de Semiliberdades. Tanto o CENSE como a casa de Semiliberdade são de responsabilidade da esfera estadual de cada Unidade Federativa do Brasil (UF) e as outras medidas sob responsabilidade da esfera municipal.

Em um centro socioeducativo no estado do Paraná, um professor de Artes solicitou aos seus alunos, adolescentes cumprindo medidas socioeducativas restritos de liberdade, um desenho livre, pois estava ensinando a técnica da aquarela. Um dos desenhos tinha relação com o tema desse TCC, era a representação de um cemitério.

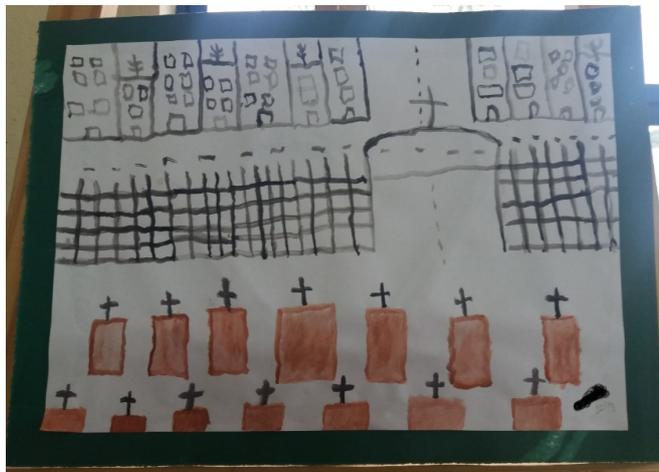


FIGURA 2: DESENHO LIVRE

FONTE: Adolescente em medida socioeducativa (2019).

LEGENDA: Cemitério em papel sulfite A4 e aquarela.

Ao analisarmos a FIGURA 2 percebemos que a perspectiva do adolescente é de dentro do cemitério, sua representação sobre o lugar da morte. Será que por aceitação de que a morte está presente, habita um lugar naquela cidade? Ou talvez, se veja socialmente morto? A dedução que não se pode negar é que reconhece a morte e tem consciência da sua existência. Ou seja, a morte não lhe é estranha e nem desconectada da vida.

Infelizmente saber o porquê da representação não será possível, devido a questões éticas, de segurança e autorizações. A imagem foi cedida pelo professor, após a autorização verbal do adolescente, para a utilização neste TCC. Para preservar a identidade do adolescente, seu nome na imagem foi apagado e o local não serão divulgados. Porém, não informou o motivo do desenho.

Citado anteriormente, Jodelet (2001) informou que não haveria representação sem objeto. Neste caso, a imagem externalizada do adolescente passou a ser o objeto de sua representação sobre a morte, ou como Perrussi (1995) explica, o imaterial adquiriu materialidade. A morte pode ser deduzida parte integrante do comportamento do adolescente, devido as suas condutas de risco que o levaram ao CENSE, e que a todo momento expõe as possibilidades de morrer.

4 ATLAS DA VIOLÊNCIA

Este capítulo será uma análise do Atlas da Violência 2019 (AV) no Brasil. O AV atual, 2019, informa que em 2017 os homicídios no Brasil foram de 65.602, os indicadores do relatório consistem na base de dados oficiais do Ministério da Saúde (os números de 2018 saíram no atlas de 2020 e assim progressivamente), ou seja, 31,6 para cada cem mil habitantes. Dentro da população entre 15 e 19 anos, homens, 59,1% dos óbitos por homicídios contempla essa faixa etária, praticamente a mesma dos adolescentes que cumprem medida socioeducativa.

A justificativa para tamanha violência no Brasil e entender o fenômeno da violência é que o país é ponto estratégico de passagem de drogas, um entreposto para a exportação da droga para continentes como a África e a Europa. E a segunda, é que houve uma crescente expansão geoeconômica das maiores facções penais do Sudeste do país para domínios de novos mercados varejistas em outras regiões, e para essa atribuem novas rotas internas de transporte de drogas ilícitas, o narcotráfico (BRASIL, 2019).

Nos dias atuais as duas maiores facções criminais brasileiras são o Primeiro Comando da Capital – PCC e o Comando Vermelho – CV, que estão em guerra para o mercado interno das drogas ilícitas e domínios territoriais. E, em 2017, a guerra entre essas duas facções penais de forma generalizada, iniciando nos dentro dos presídios se expandindo para as ruas (BRASIL, 2019).

Diante de tais informações o atlas, 2019, evidencia preocupação com o futuro dos jovens no Brasil, uma vez que o atual cenário é de uma profunda transição demográfica rumo ao envelhecimento da população e a alta letalidade contra jovens, gerando fortes implicações ao desenvolvimento econômico e social do país. A falta de oportunidades que levaram 23% dos jovens a não estarem estudando nem trabalhando, aliados a altos índices de mortalidades desse público em consequência da violência, impõe severas implicações quando ao futuro da nação. O atlas atribui que o maior custo da violência diz respeito às perdas prematuras de vida, devido ao homicídio. Também alerta que “a proporção de homens jovens (entre 15 e 29 anos) diminuirá cerca de 25% entre 2000 e 2030” (BRASIL, 2019, p. 16). Preocupante, uma vez que grande parte da população jovem do Brasil não chega à idade adulta.

Economicamente, em 2010, as mortes violentas custaram 1,5% do PIB nacional, em 2016, foram 5,9%, em valores 373 bilhões de R\$ (BRASIL, 2019). No

intervalo de 6 anos o aumento do custo da violência no Brasil foi de 4.4%, uma média de 0.73% ao ano. Nesses custos incluem: custos privados, intangíveis com homicídios e com segurança privada e seguros; despesas públicas; sistema de saúde, segurança pública (polícia) e sistema prisional (BRASIL, 2019).

A Lei nº 13.675/18 foi aprovada e criou o Sistema Único de Segurança Pública (SUSP), (BRASIL, 2019), o sistema socioeducativo por diversas vezes foi pauta se era pertencente ou não ao sistema, e por fim ele não foi. Por não pertencer ao SUSP as despesas com segurança pública não incluem os sistemas socioeducativos.

O AV (2019) revela que houve aumento de 4,2% na taxa de homicídios no Brasil entre o ano de 2016 e 2017. Quinze Unidades Federativas - UF apresentaram diminuição, em contra partida cinco estados apresentam aumento inferior a 10% e em sete estados aumentos acima dos 10% (BRASIL, 2019). Seguem os QUADROS 14 e 15: as UFs com maiores reduções e as cinco primeiras com maiores aumentos de acordo com a residência da vítima.

QUADRO 14 – UF COM AS MAIORES REDUÇÕES NA TAXA DE HOMICÍDIOS NO BRASIL ENTRE 2016 E 2017

Posição	UF
1º	Rondônia
2º	Distrito Federal
3º	São Paulo
4º	Sergipe

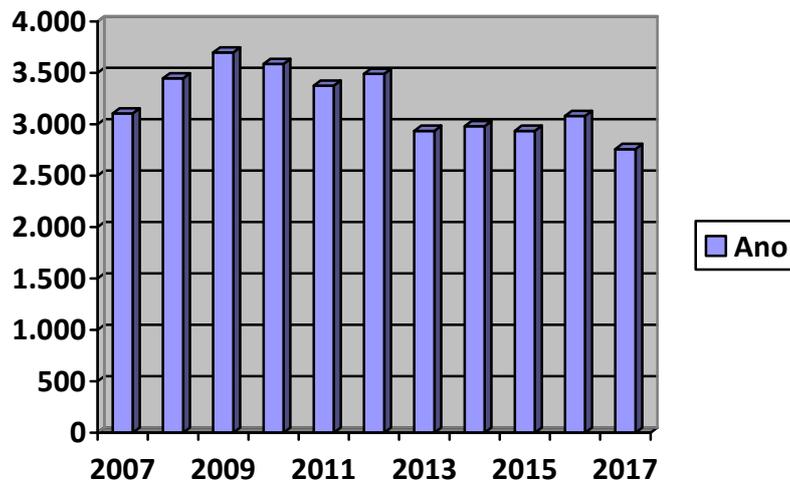
FONTE: Sanches-Rosa e Asinelli-Luz (2019).

A redução da violência está atribuída para essas UFs do QUADRO 14 pelos seguintes motivos: Rondônia, inovações no trabalho de inteligência, por outro lado em 2016 o estado foi o lugar mais violento do mundo por mortes associadas a conflitos agrários; Distrito Federal, melhoria das investigações e a intensificação da política de apreensão de armas; São Paulo, o atlas informa que desde os finais dos anos 90 o estado vem paulatinamente reduzindo suas taxas, porém não foi claro nas causas dessas reduções; Sergipe, amadurecimento da reorganização do trabalho policial e a construção de diagnósticos da violência local (BRASIL, 2019).

No Paraná, também houve redução nas taxas de homicídios, de 2016 a 2017 foi de -11%, redução essa que vem desde 2007, dentro desses 10 anos foi de -17,5%. UF apresentam taxas bastantes estimulantes se compararmos com as nacionais: 2007 a 2017, 24% e 2016 a 2017, 4,2% (BRASIL, 2019), como podemos observar as taxas nacionais também sofrem redução, porém ainda continuam no saldo positivo, demonstração de que as políticas nacionais ainda não são suficientes para reverter o cenário atual.

Visualizando os homicídios em números, o Paraná desde 2007 vem passando por uma “montanha-russa”, apesar de apresentar redução entre 2007 a 2017, não há uma progressiva redução e ou aumento. A cada ano os números estão diferentes, conforme GRÁFICO 2:

GRÁFICO 2 – NÚMEROS DE HOMICÍDIOS NO ESTADO DO PARANÁ ENTRE OS ANOS DE 2007 A 2017



FONTE: Sanches-Rosa e Asinelli-Luz (2019).

A representação do Paraná em relação ao Brasil no ano de 2017 equivale a 4,2% do total nacional de 65.602 homicídios. Percebemos uma tendência a diminuir, mas com oscilações para cima sem, no entanto, que a redução atinja valores aceitáveis. Em contra partida, seis UFs do Brasil despontam no aumento da violência, ver QUADRO 15.

QUADRO 15 – UF COM AS MAIORES AUMENTOS NA TAXA DE HOMICÍDIOS NO BRASIL ENTRE 2016 E 2017

Posição	UF
1º	Ceará
2º	Acre
3º	Amazonas
4º	Pernambuco
5º	Espírito Santo
6º	Rio Grande do Norte

FONTE: Sanches-Rosa e Asinelli-Luz (2019).

Vale destacar que no QUADRO 15 todas UFs são de apenas duas regiões do Brasil: norte e nordeste. O AV (2019) atribui essa centralização devido a “guerra entre as duas maiores facções criminosas no Brasil (PCC e CV) e seus aliados regionais pelo domínio de mercado varejista e de novas rotas internacionais de tráfico de entorpecentes, que atravessam os estados do Norte do país e chegam ao Nordeste” (2019, p. 17). Chamamos a atenção ao fato de, os quatro estados que aparecem no QUADRO 14, não estarem presentes no QUADRO 15.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ser humano é complexo em todas as suas dimensões, pois os sentimentos tendem rebelar-se quanto se trata das atitudes, complexo também é a sua máquina: corpo. Na fase da adolescência tudo é potencializado, se o adolescente for proveniente de 'anomalias' sociais, o produto pode ser corrompido. E, diante dessa fase da vida, todos têm suas particularidades.

Atitudes muitas vezes normais, se não bem assistidas, possibilitam a caminhos questionais e muitas vezes sem volta. A morte é uma delas. A socioeducação é uma nova oportunidade, infelizmente ou felizmente, para os adolescentes que cumprem alguma medida estabelecida judicialmente, cabe a instituição ser provida de conhecimentos para além de entender seus adolescentes, redirecioná-los, com a família e a sociedade organizada, para novas atitudes perante a vida.

Ficou claro durante o trabalho que é necessário dialogar sobre a morte, ainda mais quando ela está carregada de significados, muitas vezes brutais. Precisam entendê-la para compreendê-la, a morte não é ruim, somente é um fim, mas para isso não deve ser antecipada. Os motivos das mortes em que os adolescentes em conflito com a lei foram revelados nos estudos científicos, e, o fator externo e não naturais são as causas delas.

Os adolescentes deste trabalho entendem a morte como sua companheira de vida, demonstração dada na FIGURA 2 e, causada por várias motivações (QUADRO 7). Com isso, esquecem o que é a vida, ou simplesmente entendem que viver é uma tentativa constante de não morrer ou matar para viver/sobreviver. Trabalhos com representação social da morte não foram encontrados.

Diante do estilo de vida dos adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa entrevistados, a morte é a consequência natural da atitude em que a todo momento estão submetidos e os deixando vulneráveis. A finitude é decorrente da violência aplicada por eles ou contra eles.

Não é novidade saber que investir na primeira infância é uma das melhores maneiras para desenvolver melhores pessoas. Atitudes desenvolvidas dos 0 aos 6 anos refletem por toda a vida de um indivíduo. Acrescento que além da atenção à criança, alguns pais precisam ser assistidos e muitos ensinados quanto à criação de seus filhos. Não se aplica a intromissão, mas sim auxiliá-los em algumas questões:

saúde, alimentação, comportamento, atitude. Pois o que se constrói na escola, muitas vezes é desconstruído com a realidade social e ou até mesmo pela falta de conhecimento de alguns pais. Sensibilidade e coerência precisam estar alinhadas.

5.1 RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS

O trabalho foi um ponta pé inicial, pois novos estudos sobre morte, adolescentes, socioeducação são importantes para enriquecer mais os bancos de dados e lançar mais luz aos assuntos negligenciados, taxados, discriminados. Principalmente trabalhos de campo. Isso ficou claro na quantidade de trabalhos que sobraram na Revisão Sistemática: 3 (três). Saber qual/ais as representações sociais da morte de quem cumpre medida socioeducativa somente será possível quando realizado trabalho com esse objetivo e os/as/ ouvindo/a.

Falar mais sobre a morte é de extrema necessidade para desmistificar os seus significados que ao longo da história foi classificada como assunto não permitido. Incluí-la nos currículos preparatórios demonstrou ser uma necessidade.

Medidas protetivas e pedagógicas são importantes para os nossos jovens, uma vez que estão em fase de desenvolvimento, pois a violência e o suicídio são as principais causas de morte desse público, cabe aqui políticas públicas e maiores discussões no campo educacional.

Aprofundar esse trabalho, levá-lo a outros níveis e ouvir esses adolescentes serão os novos objetivos desse autor. Os estudos nunca param. Nasce aqui um pesquisador apaixonado por novas descobertas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Noeme Moreira; LIMA, Maria Juliana Vieira. A atuação do profissional de saúde residente em contato com a morte e o morrer. **Saúde Soc.** São Paulo, v.26, n.4, p.958-972, 2017.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente:** da idade Média aos nossos dias. Tradução de Priscila Viana de Siqueira. [Ed. Especial]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. 291 p.

BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES – BDTD. **Banco de dados.** Disponível em: <http://bdtb.ibict.br/vufind/>. Acesso em 09/05/2019.

BRASIL. **Atlas da violência 2019.** Organizadores: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo, 2019. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190605_atlas_da_violencia_2019.pdf. Acesso em 23/09/2019.

BRASIL. IBGE. **Cidades e estados:** população estimada de São Paulo. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sp/sao-paulo.html>? Acesso em 23/09/19.

BRASIL. IBGE. **Dados estatísticos da tabela 1.12 - População residente, por sexo e grupos de idade, segundo as Grandes Regiões e as Unidades da Federação – 2010.** Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero/9662-censo-demografico-2010.html?=&t=resultados>. Acesso em 31/08/19.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente normativas para a proteção integral da criança e adolescentes. **Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo:** Marcos normativos nacionais e internacionais/ [Cláudio Augusto Vieira da Silva, coordenador]. -Brasília: Universidade de Brasília, CEAG, 2016. 340 p.

BRASIL. Lei nº 12.594, de 18 de janeiro de 2012. Dispõe sobre o Institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo - SINASE. **Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo:** Marcos normativos nacionais e internacionais/ [Cláudio Augusto Vieira da Silva, coordenador]. -Brasília: Universidade de Brasília, CEAG, 2016. 340 p.

BRASIL. OPAS. **Folha informativa:** suicídio.2018. Disponível em: BRASIL. PORTAL INEP. Disponível em: <http://inep.gov.br/web/guest/inicio>. Acesso em 12/09/2019. Acesso em 23/09/2019.

BRASIL. **PORTAL INEP.** Disponível em: <http://inep.gov.br/web/guest/inicio>. Acesso em 12/09/2019.

CHARTIER, Roger. **História cultural**: Entre práticas e representações. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1990.

CHIAVENATO, Júlio José. **A morte**: uma abordagem sociocultural. Coleção Polêmica. São Paulo: Moderna, 1998. 126 p.

COSTA, Angelo Brandelli; ZALTOWSKI, Ana Paula Couto. **Manual de produção científica** [recurso eletrônico] / Organizadores, Sílvia H.Koller, Maria Clara P. de Paula Couto, Jean Von Hohendorff. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Penso, 2014. Disponível em:
https://www.biosanas.com.br/uploads/outros/artigos_cientificos/18/6505082c2a7c23986651c7b1f7a4a92e.pdf, acessado em 23/05/2019.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**: seguido de “envelhecer e morrer”. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 107 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 55ª ed. – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GORER, Geoffrey. **The Pornography of Death**. 2003. Disponível em:
<http://www.unz.org/pub/encounter-1955oct-00049>, acessado em 23/05/2019.

JODELET, Denise (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

MICHAELIS: **dicionário escolar língua portuguesa**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2008.

MUNIZ, Paulo Henrique. O estudo da morte e suas representações socioculturais, simbólicas e espaciais. Cascavel: **Varia Scientia**, 2006. vol. 06, nº 12: p. 159-169.

PARANÁ. Business Intelligence. **Sistema de medidas socioeducativas**. Atendimento socioeducativo Paraná. Acesso em 04/11/2019.

PEREIRA, Alessandra de Paula. **Passado, presente e futuro**: projetos de vida de adolescentes em privação de liberdade. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Paraná, setor de Educação, programa de Pós-graduação em Educação, Curitiba: 2018. Disponível em:
<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/59493/R%20-%20D%20-%20ALESSANDRA%20DE%20PAULA%20PEREIRA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.
 acesso em 23/09/2019.

PERRUSI, Artur. **Imagens da loucura**: Representação social da doença mental na psiquiatria. São Paulo: Cortez/Recife: Editora da UFPE, 1995.

PIMENTEL, Gisele Arendt. **Sexualidade e agressividade do adolescente no espaço escolar**: contribuições psicanalíticas. Ano. 2017, 140 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Mestrado em Educação, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2017.

REIS, João José. **A morte é uma festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. 1 ed. 6 reimpressões. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

ROCHA, Julia Siqueira da. **Castigo e crime**: adolescentes criminalizados e suas interações com as condutas de risco, a educação e o sistema de justiça. 2016.

SÃO PAULO. Universidade de São Paulo, USP. **Portal IP**. Disponível em: [Http://www.ip.usp.br/site/laboratorio-de-estudos-sobre-a-morte-lem-2/](http://www.ip.usp.br/site/laboratorio-de-estudos-sobre-a-morte-lem-2/). Acesso em 19/12/2019.

SCIENTIFIC ELECTRONIC LIBRARY ONLINE - SCIELO. **Banco de dados**. Disponível em: <https://www.scielo.org/>, acessado em 07/05/2019.

SILVA, Cátia Andrade et al. **Vivendo após a morte de amigos**: História oral de idosos. Florianópolis: Texto Contexto Enferm, 2007 Jan-Mar; 16(1): 97-104. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v16n1/a12v16n1>, acessado em 23/05/2019.